

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo

Class.: 282

Data 12 de dezembro de 1978

Pg.: 16

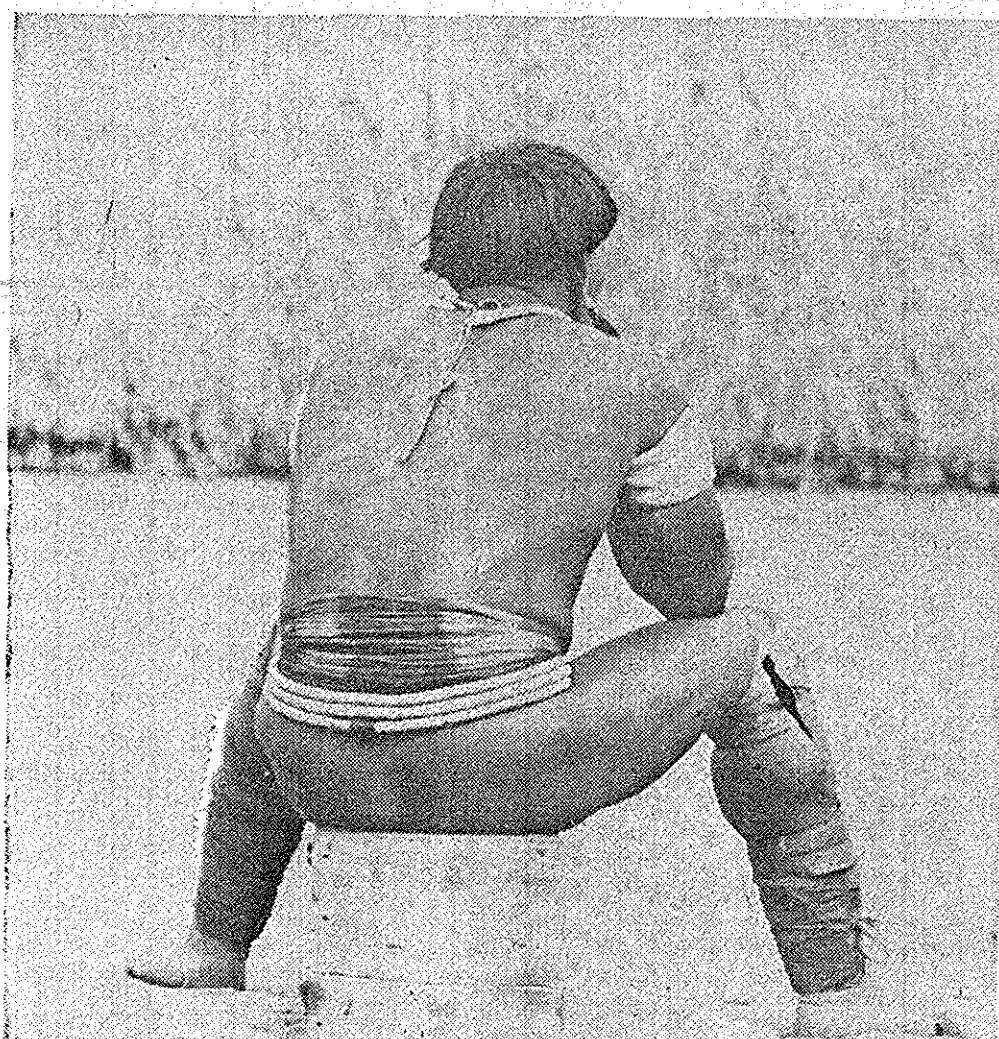


Foto Edilson Martins

O autor de "Nossos índios nossos mortos" denuncia um cruel genocídio

Uma visão solidária da condição do índio na cultura brasileira

"Meu livro não se compromete com a chamada imparcialidade ou objetividade do repórter, absolutamente; é um livro de envolvimento, assumidamente de envolvimento". Edilson Martins, 39 anos, 13 de jornalismo sendo que 10 dedicados à causa indígena, reúne em 310 páginas de seu livro *Nossos índios nossos mortos* "a história cruel do genocídio praticado através dos anos por um País que, desde o seu descobrimento ainda não aprendeu a respeitar os direitos indígenas. E que nem as repetidas acusações de personalidades — algumas já incluídas na história nacional, como é o caso do Marechal Rondon — desencorajam o tratamento da intrusão em sua própria terra.

Edilson nasceu num serigal à beira do rio Esperança, afluente do rio Amazonas em terras do Acre. Aos seis anos, mudou-se para Rio Branco, onde conviveu com a vida dura dos seringueiros. Foi nos seringais que Edilson conheceu as primeiras injustiças que se faziam com os índios brasileiros. "O Acre já foi uma grande concentração indígena e também uma região muito violenta, onde exterminaram quase todos, e o que presenciei nos seringais, foi uma verdadeira sucata desta cultura. Eram índios sim, mas índios descaracterizados, trabalhando como mão-de-obra semi-escrava para os serigalistas". A partir daí, Edilson abraçou a causa indígena e hoje, alguns anos depois, ele mostra o resultado desse trabalho sério, contínuo e apaixonado, muito diferente daquele editado por algumas revistas brasileiras de grande penetração, nas quais o

índio é mostrado de maneira exótica, folclórica e sensacionalista.

"A imprensa brasileira com essa brincadeira de mau gosto, abria páginas e páginas coloridas de modelos de integração: Diacuí casando na igreja da matriz, a índia Kalapala casando com civilizado, enquanto isso, a ocupação das terras indígenas se consolidava cada vez mais".

Edilson, que já se considera como um deles, se revolta quando folclorizam certos aspectos da vida do índio — "as danças e os deuses — por exemplo, às vezes são visto de maneira quase anedótica, porque "sempre atrás dessa superficialidade há um grupo econômico interessado nas terras".

Como afirma o autor de "Nossos índios nossos mortos" "este livro é importante porque ele é o resultado do trabalho de um grupo que tinha um ideal comum: lutar pela causa indígena e até imaginar expedições incríveis de contato com os índios." "Havia muito romantismo nesse grupo formado pelos jornalistas Etevaldo Dias Eliana Lucena, Luigi Manprim, Pedro Martinelli, Luis Salgado, Mário Chimanovitch, Possidônio Bastos e outros que muitas vezes tiveram que seduzir seus respectivos chefes de reportagem já que a causa indígena nunca interessou à grande imprensa".

Cláudio Villas Boas considera o livro de Edilson uma continuação do "Processo civilizatório" de Darci Ribeiro, mas enquanto o autor de o "Processo civilizatório" teoriza o choque entre índios e "civilizados", Edilson registra certas práticas: "A ocupação ilegal de terras, a luta contra os posseiros, o des-

respeito à sua cultura, enfim todo o genocídio que se vem praticando contra o índio brasileiro, desde o descobrimento".

Para quem gosta de "emoções fortes", a encontrará logo no primeiro capítulo, no qual o autor narra o episódio vivido por uma tropa da Polícia Militar de Manaus, em expedição punitiva contra os índios Crichanas (Waimiri-Atroari), que haviam atacado o pequeno povoado de Moura, no norte do Estado, segundo notícias de Manaus. Num combate desigual em que arco e flecha lutavam contra a pólvora e o chumbo, os mortos somaram mais de 200. Nesse confronto apenas um praça ficara ferido, enquanto entre os índios haviam apenas 23 feridos, escondidos na copa das árvores. O resto eram cadáveres".

Essa história que abre o livro de Edilson Martins editado pela Codecri, (Rio 1978) é uma entre outras não menos cruéis. São relatos verídicos de expedições punitivas organizadas pelos donos de seringais (quando os assassinos atiravam bebês índios para cima e os aparavam, na ponta do facão) até os métodos de hoje, com tropas financiadas pelos grandes fazendeiros, a fim de ampliar os seus domínios, provando que na questão do índio brasileiro a história sempre se repete.

"Nossos índios nossos mortos" que já está na segunda edição com apenas 2 meses de lançamento deverá ser traduzido brevemente para o francês, inglês e alemão. "Isto se deve — desabafa Edilson — não ao autor, mas ao próprio tema, que foi sempre alterado pela história oficial".